

continuamente como manifestação concreta, personificada nos sérés, que, em suas formas de vida, lhe representam os artigos. O egoísmo é a expressão de uma insuprimível força centralizadora e protetora das individuações. A luta contra tudo o que não é o eu constitue a primeira expressão e a prova da formação de um dado tipo de consciência que, do momento em que se mostra na vida, tem que se defender a si mesma: consciência e egoísmo de indivíduo, de família, de grupo, de povo, de raça, cada vez mais vastos, consciência de uma distinção absoluta entre o eu e o não eu. A dilatação não pode produzir-se, para conservar a estabilidade dos equilíbrios, senão quando se tenha dado a estabilização do tipo de consciência e de egoísmo inferior.

Altruismo, pois, não é renúncia, mas expansão de domínio; não é perda, mas conquista de progresso e de compreensão e ascensão de vida. Achegar a si, como seus semelhantes, um número cada vez maior de sérés é multiplicação de potência, é um encontrar-se a si mesmo, é reviver nesses sérés uma vida centuplicada. Porém, se esses casos máximos de altruismos integrais são patrimônio do superhomem, o homem atual, que raramente sabe estender o seu egoísmo além do círculo familiar, os tomará hoje como casos extremos, dos quais, para aproximar-se, terá de lutar por meio de sucessivas aproximações, ampliando os confins do eu, até abranger um dia a humanidade terrena e as humanidades, que ele virá a conhecer, de todo o universo. Quando o herói morre pela sua nação, o martir pela humanidade; quando o gênio se consome pela ciência, seus egoísmos são tão amplos, que não mais os concebeis. Entretanto, naquele momento, podem eles dizer: sou a nação, sou a humanidade, sou a ciência, pois que suas consciências se acham unificadas com a nação, a humanidade, a ciência.

Também o animal ha percorrido esse caminho e fixado, na fase de assimilação completa dos instintos, esses altruismos, que mais não são do que egoísmos coletivos, porquanto ele ha realizado a sua evolução social em formas mais simples, porém mais evolvidas, na sua simplicidade, e mais estabilizadas. E vos dá exemplo de altruismos que ainda tendes de conquistar. A abelha morre sacrificando-se em defesa do cortejo e não se limita a isso, senão que também recolhe mel com que, depois da sua vida breve, se alimentarão as obreiras irmãs, que ela não conhecerá, que ainda terão de nascer; não sobrevive isolada, mesmo que provida de tudo, porque a virtude de sentir-se célula do organismo coletivo nela se torna instinto e necessidade; morre de fome, afim de deixar todo o seu mel, em caso de penuria, à sua rainha, para que unicamente sobreviva esta, que representa a raça. Altruismos para vós heroicos, na fase das formações coletivas, grandes virtudes que fixam os instintos do futuro; equilíbrios já agora espontâneos, estaveis, porque utilitários, isto é, correspondendo á lei do meio mi-

nimo, instintos assimilados e não mais virtudes (ou seja: fase de formação), nas sociedades animais já constituídas.

Quando a abelha se sacrifica pela sua família, não é a abelha que pratica um ato de altruismo; é a família que, conquistado o instinto do seu mais vasto egoísmo coletivo, egoísticamente lança e sacrifica, pelo seu bem, a célula abelha. O homem considera heróico aquele ato, porque o aplica a si próprio e refere à abelha o conceito de altruismo que, em circunstâncias semelhantes, aplicaria a si mesmo, se de tal modo se comportasse, sem compreender que a sua natureza é completamente diversa e que ele se acha noutra fase. No homem, o instinto coletivo está em formação; na abelha já se fixou, maduro e completo. No homem, aquele ato não é a expressão de uma necessidade, qual a impõe o instinto definitivamente assimilado, visto que nele o instinto está na fase formativa (virtude), em que, como vimos, o ato implica esforço e é sentido na consciência. Se, na abelha, o ato em questão já foi praticado na fase instintiva, subconsciente e espontânea, no homem, seria um ato ocorrido na fase a que ele já chegou, fase inicial de formação, fase heroica, virtuosa, laboriosa, consciente. Também a vós a necessidade do trabalho imporá a colaboração, como uma vantagem; a necessidade da conjugação de fins cada vez mais vastos, irrealizáveis de outro modo, apertará esse amplexo entre as gerações velhas e as novas, que hoje mal se conhecem; um princípio de coordenação política mundial se imporá, como uma grande poupança de energias, que se encaminharão para uma utilidade mais alta, que não a luta reciproca entre povos. Colaboração e supressão da forma cruenta de luta estão no caminho da ascensão social. As vias do utilitarismo convergem para as da evolução moral.

XC — A guerra. — A ética internacional.

Entendemos por guerra a evolução do fenômeno guerra, como momento da evolução da força para a justiça, através do direito, como fase da ascensão coletiva. Já vos disse atrás que, em um mundo que todo ele se arma contra si mesmo, não ha senão uma defesa extrema: o abandono de todas as armas, frase que pode parecer exprima um absurdo e que, portanto, precisa ser explicada. Estabelei, então, o caso máximo de que o homem se acercará por progressivas aproximações. Mas, é mister que o esforço por alcançá-lo se realize, como nas sendas da evolução individual, introduzindo na vida dos povos o máximo de disciplina suportável. Entretanto, nas coletividades menos evolvidas, o uso da força pode ser uma necessidade, sobretudo de defesa, para impedir a explosão do mal. Nos primeiros níveis, as civilizações não podem surgir, senão cercadas por uma barreira de violência, que a proteja da

violencia, e uma defesa vasta e previdente pode tambem implicar ataque. Hoje, porém, o mundo tem acesos varios fócos de civilização e a zona de barbarie impõe cada vez menos e cada vez menos justifica um regimen de violencia. Como se dá no progredir da força para a justiça no direito interno, tambem as forças da vida acarretam um progresso da guerra para a paz, disciplina de forças e coordenação de energias, atuando no direito internacional. Tambem neste caso particular da força, a evolução opéra assim *um progressivo cerceamento da guerra*, tendente á sua eliminação. Os absolutismos pacifistas, idealizados e isolados, ainda são, presentemente, como realizações, utopias, se bem já esplenda aí o ideal das aspirações humanas. São objetivos e tendencias para cuja realização se luta.

Hoje, os armamentos são uma dura necessidade que, entretanto, atesta, com demasiada evidencia, o estado selvagem do homem atual. Dada a presente fase de inconsciencia coletiva da humanidade, esse mal é necessário. Não se podem depor as armas, porque elas constituem imperiosa condição de vida, enquanto as armas do vizinho se encontram erguidas e prontas a ferir, guidas por uma psicologia de estrito egoismo. E' preciso que os povos se conheçam, para que, como se dá com os individuos na formação do direito privado, as circunferencias das liberdades individuais saibam tocar-se e dobrar-se, para coexistirem e aderirem, na unidade coletiva da humanidade; saibam dar lugar aos direitos de outrem, afim de que haja lugar para os direitos proprios, num superior estado de consciencia coletiva. Não existe hoje um direito internacional verdadeiro e proprio, estando ainda na fase caótica as relações internacionais.

Mas, aí, igualmente, o equilibrio tende a estabelecer-se, por efeito da lei do minimo esforço. Não será um pacifismo inerte e teorico, porém *ordem* internacional, que representará tal vantagem social que, assim a consciencia coletiva chegue a percebe-la, a efetivará. Hoje, a humanidade vive uma fase de transição, em que se comprehende a utilidade da paz, mas não se sabe vencer a necessidade da guerra e entre essas duas leis ela oscila, fazendo prevalecer ou uma, ou outra, segundo a maior ou menor força moral de que disponha. Surgirão, entretanto, solidos institutos juridicos internacionais, atualmente utópicos, que garantirão a vida e o trabalho dos individuos coletivos, os Estados, do mesmo modo que as instituições privadas hão disciplinado a garantia do individuo. Em toda forma jurídica, a zona conquistada de justiça e a da força, a ser transposta, se mostrarão mais ou menos estensas, conforme o grau de evolução alcançado e se deslocarão continuamente, exprimindo na sua forma o seu proprio nível.

Já a força dos armamentos, embora subsistindo como necessidade e preparação de eventuais conflitos, tem que sofrer um con-

tínuo cerceamento, que lhe disciplina o uso e só admite uma razão de existencia: a de ser uma *defesa da justiça*. O primeiro dique que se levanta é a grande responsabilidade moral de um Estado que desencadeie uma guerra, sem haver necessidade que a justifique, necessidade da qual lhe cumpre prestar contas ao mundo que o observa. Eis um primeiro rudimento de autorização jurídica. Um senso de responsabilidade e o peso das consequencias oneram aquele que tem o poder de movimentar a maquina infernal da guerra. Até ha pouco tempo, os homens se matavam diuturnamente, como se isso fosse um facto normal. Quão mais difícil é hoje pôr em ação a maquina dos exercitos, tão complexa e gigantesca ela se tornou, em proporção ás grandes unidades que são os Estados! Conservam-se as armas, porém, cada vez mais disciplinado e anormal se torna o usar delas, tanto que muito a miude sub-sistem como simples simbolos decorativos. A guerra reclama cada vez menos ferocidade e mais inteligencia, cada vez mais se afasta o instinto sanguinario do selvagem. A disciplina é uma conquista biologica que eleva o homem, do estado originario, de anarquica rebelião contra tudo e contra todos, a um estado de coordenação de esforços e de organização de trabalho.

E' assim que o elemento justiça se introduz no elemento força e o limita, reduzindo-o a uma fase de transição, operando a progressiva liberação do homem das constrições do mal, fazendo deste um meio de evolução e de construção do bem. Cada vez mais se sente a necessidade de sustentar a expressão da força, mediante um conceito cada vez menos baixo, imprimindo-lhe uma alma mais nobre, que a justifique. Cada vez mais se percebe a necessidade racional e moral de tornar o uso da força aderente a um princípio de justiça, porque se sente que precisamente no que esta tem de imponderável é que residem a sua maior potencia e o equilibrio mais intimo e mais alto, que domina e rege os equilibrios mais exteriores e mais baixos da força material. Esta, pois, busca espontaneamente a sua unica justificação, que só pode estar num objectivo de paz.

Assim como a dor e o mal contêm em si os impulsos para uma auto-eliminação, tambem a guerra existe para tragar-se a si mesma. A morticidade progressiva dos meios belicos, preparada pelo progresso científico, cada vez mais desastrosos os tornará. O poder cada vez mais destrutivo destruirá a guerra, porque esta infundirá cada vez mais horror e pavor á progressiva sensibilidade humana e á consciencia mais profunda. Os organismos sociais obedecem cada vez menos aos impulsos inconsiderados do momento e a ordem futura se prepara com longinqua visão a longos prazos. Ha, ao de mais, a Lei, que intervém e puni toda violação sua com a reação da dor; que impele assim, forçosamente, o homem para a senda da justiça: *Quem usar da espada, pela espada perecerá*. Acima da for-

ca dos exercitos, transparece, cada vez com maior evidencia, a força mais sutil dessa vontade suprema, que tende para a ordem e sabe, dessa forma, abater o mais forte. Ha uma força mais elevada, a que a outra obedece. Então, precipitados uns contra os outros os exercitos mais aguerridos, aparece a mão de Deus e as forças da vida se desencadeiam para domar o rebelde. A historia é tambem regulada por esses equilibrios mais profundos, que surgem e se impõem, como força mais poderosa do que todas as forças humanas. De nada vale o poder material, quando inquinado, em suas bases, dessa fraqueza substancial; o arbitrio humano do mal é contido pela Lei dentro dos limites inexoraveis do bem. Mesmo na fase atual, a força, para dar rendimento, tem que se harmonizar com esses impulsos maiores, de justiça; a sua aplicação não pode produzir resultados estavéis, senão como reconstrução de ordem.

Conforme vêdes, não falo de formas, nem de metodos; vou sempre á raiz dos fenomenos, falo de maturação de forças biologicas; *não cogito dos homens, mas das leis que os movem;* introduzo-me nas causas e não nos efeitos. Inteiro-me, contemporaneamente, da natureza humana, qual ela é no presente, e da lei que nesse nível impera. Se a guerra existe no mundo, é porque corresponde ao instinto da maioria; porque é essa a forma atual da seleção biologica; porque corresponde a funções automaticas de equilibrações demograficas. O homem normal é feito para a guerra, a mulher para a maternidade. Enquanto vos moverdes neste ciclo, enquanto a guerra estiver na alma egoista do mundo e as relações internacionais se basearem na força, o numero será necessário, como meio de vida e de grandeza. Lembrai-vos, porém, de que a quantidade não poderá jámais criar a qualidade e que o valor supremo do homem não está no entregar-se irresponsavel á função animal da reprodução, mas no enfrentar, consciente e responsavel, a função moral de educar. A não ser assim, o numero degrada a raça. Será, no entanto, possível a existencia permanente do mesmo circulo: desenvolver-se em numero, para guerrear e destruir-se? Será possível que as duas grandes forças, da virilidade e da maternidade, se conservem sempre fechadas num ciclo de auto-destruição?

Ao contrario, este ciclo se abre para ascensões progressivas, no sentido de uma sublimação desses insintitos. Em nível mais alto, o homem é feito para o trabalho, criação material e espiritual, para o dominio sobre a natureza e sobre si mesmo e a mulher é feita para o sacrificio e para a formação de almas. Esta a méta substancial.

Se no vosso nível humano a guerra é meio proporcionado á vossa forma inferior de evolução e a sua abolição constitue utopia, ela, se bem seja hoje um mal necessário, não pode ser aceitável, senão como mal transitorio, senão como meio tendente a um bem

mais alto, como holocausto do barbáro presente, que se consome pelo atrito, unicamente para a construção de mais radioso porvir. Para dar á guerra um senso de justiça, não basta a pressão da superprodução de carne humana, a verificar-se em grande excesso para os apertados confins de uma terra. Isso é apenas embate de forças demograficas. E' necessário dar-lhe algo de um ideal de civilização; é necessário tornar suportável esse mal, com o transforma-lo em instrumento de bem, pois que, então, a guerra se nobilita de heroismos, se anima de espiritualidade, se idealiza no martirio. Elevada a guerra a esse nível, a ferocidade do sangue vertido se transforma em apoteose de sacrificio, pois que já então não se luta pelo egoísmo e pelos despojos, mas por uma fé colocada no alto. A guerra então alcança o seu mais alto escopo na formação da alma coletiva, torna-se imolação no altar da patria e chama-se santa.

O homem pensa que manda, mas, ao contrario, obedece sempre, submetido pelo instinto á vontade da lei. Instituições, leis, todas as manifestações sociais não são substancia, porém, forma; são a veste exterior de forças biologicas. Os verdadeiros responsaveis, mais ou menos iludidos ou guiados, são os povos, que justamente suportam o peso da propria involução. Os chefes são simples transmissores de uma ordem que não seria compreendida, nem obedecida, se não proviesse de um comando mais profundo, que a todos domina. E eles são escolhidos e colocados no alto somente porque, sendo os que mais sentem os instintos da coletividade, os exprimem e lhes obedecem. Os grandes condutores de homens mais não foram do que expoentes que personificavam a verdade do momento e a essa função coletiva correspondiam, porquanto a Lei nunca abandona o destino dos povos ao arbitrio de um homem. Não troqueis pela forma a substancia: habituai-vos a ver esta ultima nos fenomenos historicos, acompanhai sempre, em toda manifestação, a ação sutil e substancial das impulsões biologicas, que fazem dos povos e dos chefes um organismo unico dirigido para metas identicas.

Porém, á medida que a evolução eleva o homem, pondo-o cada vez mais distante das suas origens animais, tambem a forma da luta se eleva. Aos tres tipos de homem, que já considerámos, correspondem tres metodos de combater, que lembram os tres niveis da substancia γ , β , α . Temos, assim: *luta material*, isto é, supremacia brutal do mais forte, mesmo quando ilícita e injusta; *luta nervosa e volitiva*, supremacia do poder da vontade, dos meios mecanicos, economicos, mesmo que não haja nem convicção, nem verdade; *luta psiquica*, em que o dinamismo fisico-muscular, como o volitivo-nervoso, é dominado por uma supremacia espiritual e conceptual, propria do super-homem, cuja luta é feita de justiça e mobiliza o dinamismo das forças cosmicas. Nesse sentido, ele é mais poderoso, embora humanamente inerme. Lembrai-vos, porém, de que, no alto, o arbitrio se extingue, a desordem é rechaçada

para baixo. Se soubesseis que harmonia reina nos planos mais elevados!

Bem sei que o homem de hoje apenas se tem aproximado do segundo tipo de luta e que é arriscado pedir-lhe imaturas e precipitadas antecipações sobre o futuro. Ha uma lei de estabilidade no desenvolvimento do que é novo, lei que precisa ser secundada. Para abandonar o que é velho, mister se faz haver antes criado o novo. Depor os instintos de luta, mesmo da mais baixa forma, pode significar, para os povos de hoje, fraqueza e decadencia. E' necessário, primeiro, ensinar-lhes a vencer a presente fase involvida e a encontrar instintos mais elevados. Como sempre, necessário é transformar, antes dos sistemas, o homem, antes da forma, a substancia, começando por adquirir a conciencia da responsabilidade implicita no uso da força. O progresso não está em renunciar a esta, pois que isso pode ser fraqueza dos impotentes; está, sim, em dominar a força, o que é conciencia dos potentes.

Daí se deduz quão fóra da atualidade se acha, sem embargo dos idealismos teoricos, um programa imediato de paz universal, desde que não se saiba, primeiro, determinar as condições biológicas indispensaveis á sua manutenção. A paz universal se implantará, mas imaginai a imensidate do edificio cuja construção ela representará. Para chegar-se á mais alta conquista, cumpre hajam amadurecido todas as conquistas que a condicionam. Só então aquela paz não será utopia, porque o mundo e a sua alma estarão mudados e maduros. Os atuais idealismos pacifistas, que exprimem a grande aspiração e indicam o caminho, são, biologicamente, os ultimos conceitos nascidos, os menos solidificados nos instintos, os equilibrios menos estabilizados e, portanto, prontos a cair ao primeiro embate. Todas as construções ideais, ainda que codificadas, se acham expostas a esse perigo de degradação que, ao primeirabalo, reconduz os novos e por demais delicados equilibrios a estabilidades mais baixas e mais simples, porém mais resistentes. Pronto: sempre está a ressurgir, mal a superestrutura desmorone, o substrato biológico das necessidades animais, em cuja direção retrocede o equilíbrio por demais arriscado, afim de garantir a vida.

Só degrau a degrau se sobe a escala das ascensões, solidificando primeiro as bases. Não bastam faceis vôos pindaricos, nem ressonâncias retóricas, para que a paz deixe de ser utopia; é preciso um trabalho de aproximação, aspero, tenaz, prático. Faz-se necessário, antes, amadurecer as condições biológicas e psíquicas. Já é muito ter visto e compreendido, pela primeira vez na historia do mundo, a absurdade lógica, moral e utilitaria da guerra. Essa absurdade cada vez mais evidente se tornará e mais premente a necessidade de aboli-la. Contemporaneamente, a morticidade progressiva dos armamentos e o seu progressivo peso economico despertarão o interesse coletivo, que se rebelará contra semelhantes:

desperdícios e o mundo, aterrorizado com a possibilidade de cruéis destruições, se armará todo ele, *exclusivamente*, contra quem queira perturbar a ordem, com o risco de aniquilar a civilização. A força, então, apenas sobreviverá como instrumento de justiça, não mais de desordem e sim de ordem.

O mesmo reconhecimento de direitos e deveres, a que se chegou nas relações entre os cidadãos, terá que ser alcançado tambem nas relações entre povos. O *direito internacional* está nas suas construções iniciais. Como poderão ser licitos o homicídio e o furto por meio da guerra, se dentro de cada país são punidos pelas leis? Isso demonstra que as relações entre os povos ainda aguardam um direito que as discipline, que elas ainda se acham no estado caótico da violencia, na fase sublegal. A *ética internacional* mal vem de nascer. Ainda continua na fase embrionaria esse maior "eu" coletivo, que é a conciencia nacional. Ele tem que conquistar a sua moral, moral essa que exprima a lei das coordenações nacionais. Recém-nascidos e apenas formados, os organismos que se denominam Estados ainda não sabem reordenar-se como celulas componentes desse outro mais vasto organismo: a humanidade. Como os individuos no estado barbarico, as nações só têm a força, ainda não possuem a lei que lhes defende a vida. As nações são individuos isolados que procuram, quando muito, agrupar-se em alianças, para formarem maiorias protetoras e equilibrios de forças. Os povos vivem fóra da lei e fóra da ética. Cria-las será o trabalho das gerações futuras.

Com o progresso, as forças da ordem se coligarão contra as forças da desordem, os povos rebeldes serão cercados e isolados, mesmo que no interior de cada país se cerca e isola o delinquente, como um perigo social. Uma nova ética *internacional* nascerá do choque de tantas guerras, da dor e do sangue que, mediante continuos aperfeiçoamentos, ensinarão a compô-la, pois que este é o escopo da luta e o unico resultado duradouro que produzirá: a evolução dos conceitos diretores e a conquista de uma conciencia coletiva mundial. Se a construção do instinto da convivencia social entre os individuos já tanto esforço e tanta dor custou, que esforços e que dores não deverá custar a construção do instinto muito mais complexo da convivencia internacional? Daí vem que nenhuma guerra se produzirá em vão: chocando-se é que os povos chegam a conhecer-se e compreender-se; atacando-se é que, pela alternativa investida entre vencedores e vencidos, por toda parte se aprende a reconhecer que todo povo tem o direito de viver. De viver, dizemos, não de sobreviver, não de dominar e oprimir, mas de coordenar-se na unidade maior: a humanidade.

O instinto das massas se transformará no sentido de dinamismos igualmente viris, porém, mais elevados, de produtividades mais beneficas e morais. Outras batalhas incruentas esperam o homem,

coligações para a defesa das conquistas do espirito, contra toda tentativa de degradação do encadeamento social. Outras lutas, não com armas, nem de povos, serão as lutas de amanhã: lutas de idéias, guerra santa do trabalho, virilidade no dever e no esforço das construções de conciencia. O ignorado, as forças da natureza, os baixos instintos a ser vencidos, tais os verdadeiros inimigos. O grande labor consistirá no dirigir as leis da vida e a ascensão humana. Só então o homem, emergindo do desfazimento da desordem, conquistará novo poder na ordem. Então, os mais fortes e os melhores serão os mais justos. Da soma de tantos impulsos vigorosos se erguerão povos supremamente fortes e vitoriosos.

XCI — A lei social do Evangelho.

Estivemos até agora nos campos subhumano e humano das mais baixas criações biológicas, para melhor pôrmos em foco os detalhes da fase em que vos achais. Se continuarmos a subir, assim como, com relação ao indivíduo, vimos que se chega ao nível do superhomem, também chegaremos, pela evolução coletiva, à *lei social do Evangelho*, considerada hoje subversão completa dos sistemas humanos, absurdo aparentemente irrealizável, porém, máxima suprema, realidade do amanhã. Nele, todos os problemas da convivência são radicalmente resolvidos por um conceito muito simples: ama ao teu próximo como a ti mesmo. E' a perfeição, é a lei de quem chegou ao cume, o sonho do que está a caminho para lá chegar. Mas, a estrada é longa e nada fácil; temo-la encarado na sua realidade de esforço arduo, porque é conquista que se efetua, lenta, porém, verdadeira, mais do que sonho fácil de quem ignora as resistências da vida. No Evangelho, todas as divergências se harmonizam, sopitam-se os estridores numa paz substancial, num equilíbrio mais estavel, cujas raízes imergem no coração do homem. Eis aqui o alvo da evolução coletiva, o reino do superhomem, a ética universal, em que a humanidade encontrará a coordenação de todas as suas energias: o Evangelho, que colocamos no ápice da evolução das leis da vida.

Imensa é a distancia que separa desse vertice a vossa presente vida social. Todos os vossos atos e pensamentos são permeados de luta, que vos faz sentir quão distante ainda se acha o Evangelho. Mas, precisamente porque é luta, é via de conquista. Como tal, é demolição da propria luta e uma aproximação progressiva do Evangelho, que é um nível diverso, significando deslocamento completo do ponto de vista das coisas. Os proprios factos humanos, observados de um plano diferente, assumem outro valor. E' a visão longinqua e global da alma que conquistou a bondade e o conhecimento. Essas normas, correspondendo a uma amplitude de angulo

visual muito maior, vos parecem inoperantes. Ao Evangelho, todavia, não se pode chegar, senão por sucessivas aproximações. Ele se conserva inacessível, pela sua altitude, se apresentando de chôfre ao homem atual, que, com efeito, não o comprehende e não o segue. Lançai, porém, mais longe o olhar, lançai-o á essencia da vida, penetrai mais fundo na ciencia, avançai e o Evangelho surgirá de si mesmo.

O vosso é o mundo visto da terra; o Evangelho é o mundo visto do céu. A absurdidade está na vossa involução. No Evangelho se movem as fôrças do infinito, a justiça é automatica, perfeita, substancial; a coordenação social é completa, o homem se movimenta em paz, de harmonia com o universo. Aí já os homens não precisam ser fortes: basta sejam justos. Força, luta, egoismo, então se reabsorvem no diurno esforço das ascensões humanas. Aí, finalmente, vos moveveis no regaço da grande Lei; reabsorvidas se acharão as reações da dor; o mal estará vencido. E' o reino do homem transformado em anjo e santo.

Possível então se torna a lei do perdão, porque o espírito sente e aciona outras forças, que não os vossos pobres braços, e essas forças acorrem em defesa do justo, mesmo que inerme. E' a lei de justiça a falar na consciência, a exprimir-se através dos movimentos da alma humana. Então, aquele que parece um vencido da vida torna-se gigante. Lei simples, mas substancial, que faz o homem, que rege os atos nas suas motivações e tudo resolve lá onde os vossos sistemas de controle e de sanção nada resolvem.

No Evangelho, o caminho da virtude está todo percorrido; a sua lógica sublime conduz a uma seleção de superhomens, ao passo que a lógica da vossa luta cotidiana conduz a uma seleção de prepotentes. Os princípios do Evangelho organizam o mundo e criam a civilização; os princípios que viveis tudo desagregam e tudo estragam por meio de atritos inuteis. Por onde passam o Evangelho e seu amor, uma flor nasce; por onde passais vós, todas as flores morrem e um espinho surge. O Evangelho é lei de paraíso transportado para o inferno terrestre. Só os anjos em exílio sabem viver nesse inferno a lei divina ditada pelo Cristo do alto da Cruz.

Quem, no vosso mundo, renuncia a agredir e a defender-se e oferece a outra face ao agressor; quem renuncia a enterrar as unhas na carne de outrem a beneficio proprio e se nega, por principio, a obter pela força todas as infinitas alegrias da vida, permanece oprimido, é um vencido posto fóra da lei, um expulso, um não-valor que se anula. Visto do reino da força, esse é inerme, indefeso, ridículo. Entretanto, nesse desbarato, nessa aparente fraqueza ha o misterio de uma força imensa que vem troando de longe, despertando nas profundezas da alma o pressentimento de realizações mais vastas. E o vencedor, no proprio momento da vi-